

volume

26/1

Dezembro/2020

ICH - UFPel

# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

dossiê: História da Saúde, das Doenças e da Assistência

*A primeira de suas especialidades em docas especialidades em para casamentos, baptizara casamentos, sudos e banquetes. E' usada e banquetes, unica depositaria da alfandica depositaria da Guaraná Espumante Guaraná Espumante e do excelente chow-chow e do excelente lab. Laeta, fabricados no lab. Laeta, fabricados S. Paulo pelos Srs. Zos. Paulo pelos Srs. netta. Leoncio & Capotta Leoncio & J. Comodoro, Braso. J. Comodoro, Bra*



Hist. Rev. Pelotas Número 26/1 p.1-402 dez. 2020

ISSN 2596-2876





**Obra publicada pela  
Universidade Federal  
de Pelotas**

*Reitor*

Pedro Rodrigues Curi Hallal

*Vice-Reitor*

Luis Isaías Centeno do Amaral

*Direção de Gabinetes da Reitoria*

Taís Ullrich Fonseca

*Pró-Reitora de Ensino*

Maria de Fátima Cossio

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação*

Flávio Fernando Demarco

*Pró-Reitora de Extensão e Cultura*

Francisca Ferreira Michelon

*Pró-Reitor de Assuntos Estudantis*

Mário Renato de Azevedo Jr.

*Pró-Reitor Administrativo*

Ricardo Hartlebem Peter

*Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação*

Julio Carlos Balzano de Mattos

*Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento*

Otávio Martins Peres

*Pró-Reitor de Gestão de Pessoas*

Sérgio Batista Christino

*Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial*

*Pres. do Conselho Editorial:* João Luis Pereira  
Ourique

*Repr. das Engenharias e Computação:* Darci Alberto  
Gatto

*Repr. das Ciências Biológicas:* Flávio Roberto Mello  
Garcia e Marines Garcia (suplente)

*Repr. das Ciências da Saúde:* Francisco Augusto  
Burkert Del Pino e Claiton Leoneti Lencina  
(suplente)

*Repr. das Ciências Agrônômicas:* Cesar Valmor  
Rombaldi, Guilherme Albuquerque de Oliveira  
Cavalcanti (suplente) e Fabrício de Vargas  
Arigony Braga (suplente)

*Repr. das Ciências Humanas:* Márcia Alves da Silva  
e Cláudio Baptista Carle (suplente)

*Repr. das Ciências Sociais Aplicadas:* Carla Rodrigues  
Gastaud

*Repr. das Linguagens e Artes:* Josias Pereira da Silva  
e Eleonora Campos da Motta Santos (suplente)

*Instituto de Ciências Humanas*

*Diretor:* Prof. Dr. Sebastião Peres

*Vice-Diretora:* Profa. Dra. Andréa Lacerda  
Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa.  
Beatriz Ana Loner*

*Coordenadora:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

*Membros do NDH:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

*Técnico Administrativo:*

Paulo Luiz Crizel Koschier

*História em Revista* – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

*Comissão Editorial:*

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes  
Prof<sup>a</sup> Dra. Lorena Almeida Gill

*Conselho Editorial:*

Prof<sup>a</sup> Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)  
Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)  
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)  
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)  
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).  
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

*Editores:* Angela Beatriz Pomatti, Éverton Reis Quevedo, Véra Lucia Maciel Barroso

*Editoração e Capa:* Paulo Luiz Crizel Koschier

*Imagem da capa:* Théobald Chartran(1849-1907) Laennec, no Hospital Necker, ausculta um tísico na frente de seus alunos ( 1816 ) (1889), mural, Salle Péristyle da Sorbonne.

*Pareceristas ad hoc:* Marcelo Vianna (IFRS) | Luciana da Costa de Oliveira (UNISINOS) | Cristiano Enrique de Brum (PUCRS) | Ana Paula Korndorfer (UNISINOS) | Marlise Maria Giovanaz (UFRGS) | Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS) | Joana Carolina Schossler (UNICAMP) | Danielle Heberle Viegas (UNILASALLE) | Micaele Irene Scheer (UFRGS) | Zingaro Homem de Medeiros (UFRGS) | Aristeu Elisandro Machado Lopes (UFPel) | Eduarda Borges (UFRGS) | Marcia

Regina Bertotto (UFRGS) | João Gabriel Toledo Medeiros (UNISINOS) | Rodrigo de Azevedo Weimer (Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul) | Jonas Moreira Vargas (UFPel) | Clarissa de Lourdes Sommer Alves (Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul) | Regina Célia Lima Xavier (UFRGS) | Leonardo de Oliveira Conedera (UDESC) | Beatriz Teixeira Weber (UFSM).

*Editora e Gráfica Universitária*

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411  
e-mail: [editora@ufpel.edu.br](mailto:editora@ufpel.edu.br)

*Edição:* 2020/2

ISSN – 2596-2876

*Indexada pelas bases de dados:* Worldcat Online  
Computer Library Center | Latindex | Livre:  
Revistas de Livre Acesso | International  
Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai  
| Zeitschriften Datenbank

**UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: [ndh.ufpel@gmail.com](mailto:ndh.ufpel@gmail.com)

**\* obra publicada em janeiro de 2021.**



**Dados de catalogação na fonte:**

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica.  
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.  
v.26/1, (dez. 2020). – Pelotas: Editora da UFPel, 2020.

1v.

Semestral

ISSN 2596-2876

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica.  
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

---

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

## SUMÁRIO

### DOSSIÊ: HISTÓRIA DA SAÚDE, DAS DOENÇAS E DA ASSISTÊNCIA

#### APRESENTAÇÃO

##### INTRODUCTION

*ANGELA BEATRIZ POMATTI, ÉVERTON REIS QUEVEDO, VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO* 8

#### SAÚDE TEM HISTÓRIA 12

ENTRE DIFERENÇAS E SIMILARIDADES: UM ESTUDO COMPARATIVO A RESPEITO DOS OLHARES SOBRE A “SAÚDE” E A “DOENÇA” EM “MANUAIS DE MEDICINA POPULAR”, HOMEOPÁTICOS E ALOPÁTICOS, DE FINAIS DO OITOCENTOS 13  
*ANDRÉ PORTELA DO AMARAL*

CIRCULACIÓN, PRÁCTICAS Y MEDICINA POPULAR. EM REFLEXIÓN SOBRE EL CURANDERISMO EM EL SIGLO XIX ARGENTINO 32  
*ASTRID DAHHUR*

“O EXERCÍCIO DE CURAR SUPÕE O HÁBITO E COSTUME DE O FAZER”: BOTICAS E BOTICÁRIOS NO OITOCENTOS NO BRASIL MERIDIONAL 45  
*PAULO STAUDT MOREIRA E NIKELÉN ACOSTA WITTER*

SOBRE AS VIRTUDES MEDICINAIS DOS INSETOS NA OBRA *PARAGUAY NATURAL ILUSTRADO* DE JOSÉ SÁNCHEZ LABRADOR S. J. (1776-1776) 67  
*ELLANE CRISTINA DECKMANN FLECK*

DO TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS À ENGENHARIA DE TECIDOS: A HISTÓRIA QUE TEM REVOLUCIONADO A MEDICINA E SALVADO VIDAS 90  
*LAURA SCHÄFER E MARIA HELENA ITAQUI LOPES*

#### DOENÇAS E HISTÓRIAS 105

AS DOENÇAS E O ATENDIMENTO AOS ENFERMOS NOS PRIMÓRDIOS DA OCUPAÇÃO DO CONTINENTE DE SÃO PEDRO (SÉCULO XVIII) 106  
*ROGÉRIO MACHADO DE CARVALHO*

“MUI SEÑOR MIO, DESPUES DE HAUER RECONOZIDO LAS MEDIZINAS, PARESE QUE HA ENCONTRADO DE MENOS TODO LO QUE PARESE SU PAPEL”: UM ESTUDO SOBRE OS TUMORES NO PARAGUAI COLONIAL (SÉC. XVII-XVIII) 124  
*BERNARDO TERNUS DE ABREU*

O FENÔMENO IMIGRATÓRIO E O CONTROLE DO TRACOMA: REPERCUSSÕES DA DOENÇA 146  
*LEONOR C. BAPTISTA SCHWARTSMANN*

PÁGINAS DE UM SABER MÉDICO: A PRESENÇA DA TUBERCULOSE EM TRABALHOS PUBLICADOS NO ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA	<b>163</b>
<i>BRUNO CHEPP DA ROSA</i>	
CONCEPÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EXPOSIÇÃO “GRIPE ESPANHOLA: A MARCHA DA EPIDEMIA” DO MUSEU DE HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL	<b>186</b>
<i>ANGELA BEATRIZ POMATTI E GLÁUCIA G. LIXINSKI DE LIMA KULZER</i>	
HISTÓRIA, MEMÓRIA E COMPORTAMENTOS SOCIAIS EM TEMPOS DE COVID-19	
<i>JANETE ABRÃO</i>	<b>209</b>
“SINTO FALTA DE ABRAÇOS”: OS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA VIDA COTIDIANA DOS ALUNOS E ALUNAS DA UFPel	
<i>QUEZIA GALARCA DE OLIVEIRA, MILENA DA SILVA LANGHANZ E LORENA ALMEIDA GILL</i>	<b>230</b>
<b>INSTITUIÇÕES E ASSISTÊNCIA: TRAJETÓRIAS</b>	<b>240</b>
A SUPERLOTAÇÃO DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO: IMPLICAÇÕES NA INTERNAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS ENTRE OS ANOS DE 1932 E 1937 (PORTO ALEGRE/RS)	
<i>LISIANE RIBAS CRUZ</i>	<b>241</b>
ESTIGMA DA LEPROSA: O MANEQUIM LÁZARO NA EXPOSIÇÃO DO MEMORIAL DO HOSPITAL COLÔNIA ITAPUÃ	
<i>HELENA THOMASSIM MEDEIROS, JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES E DIEGO LEMOS RIBEIRO</i>	<b>258</b>
A ALIMENTAÇÃO HOSPITALAR MODERNA E A (RE) PRODUÇÃO DO VIVER SOCIAL NO HOSPITAL MIGUEL COUTO EM NATAL (1927-1955)	
<i>ANDRÉ MOTA E RODRIGO OTÁVIO DA SILVA</i>	<b>276</b>
A MATERNIDADE DO RIO DE JANEIRO: HISTÓRIA, ENSINO E ASSISTÊNCIA NO RIO DE JANEIRO	
<i>CAROLINE PEREIRA DAMIN PRITSIVELIS, ANTONIO RODRIGUES BRAGA NETO, ANTONIO CARLOS JUCA DE SAMPAIO, JORGE FONTE DE REZENDE FILHO E JOFFRE AMIM JUNIOR</i>	<b>299</b>
CENTROS DE SAÚDE E POSTOS DE HIGIENE: NOVAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE PARA NOVAS POLÍTICAS PÚBLICAS (RIO GRANDE DO SUL, 1928-1945)	
<i>GABRIELLE WERENICZ ALVES</i>	<b>312</b>
CUIDAR DE POBRES DOENTES NAS MEMÓRIAS DE ENFERMEIRAS RELIGIOSAS NA SANTA CASA DE PORTO ALEGRE (1956-1973)	
<i>VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO</i>	<b>332</b>

**ARTIGOS LIVRES**

ENTRE COIMBRA E VILA DO PRÍNCIPE: A ATUAÇÃO DO PADRE DR. MANUEL JOSÉ DA  
FONSECA BRANDÃO NA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, COMARCA DO  
SERRA DO FRIO, MINAS GERAIS, 1778 A 1797

**347**

*DANILO ARNALDO BRISKIEVICZ*

**348**

MODELOS DE ESPACIALIDADE NA HISTÓRIA E NA GEOGRAFIA – UMA COMPARAÇÃO  
ENTRE A HISTÓRIA LOCAL FRANCESA E A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NAS GERAÇÕES  
SUBSEQUENTES

*JOSÉ D'ASSUNÇÃO BARROS*

**369**

(RE)ESCRITURAS NEGRAS EM PÁGINAS BRANCAS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO PROCESSO  
DE PATRIMONIALIZAÇÃO DA SERRA DA BARRIGA

**388**

*RAYANNE MATIAS VILLARINHO E ANA MARÍA SOSA GONZÁLEZ*

# História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

## Doenças e História

Ata da primeira sessão do Conselho de primeira especialidade em doces especialidades em para casamentos, baptizara casamentos, sudas e banquetes. E' usada e banquetes. E' unica depositaria da afianca depositaria de maada Guarana Espumantada Guarana Espumante e do excellent chowao e do excellent lat. Laeta, fabricados no lat. Laeta, fabricados S. Paulo pelos Srs. Zos. Paulo pelos Sr. molta Loureiro & Companhia Loureiro & J. Companhia Brasil 1921 Companhia Br.

Ata da primeira sessão do Conselho de primeira especialidade em doces especialidades em para casamentos, baptizara casamentos, sudas e banquetes. E' usada e banquetes. E' unica depositaria da afianca depositaria de maada Guarana Espumantada Guarana Espumante e do excellent chowao e do excellent lat. Laeta, fabricados no lat. Laeta, fabricados S. Paulo pelos Srs. Zos. Paulo pelos Sr. molta Loureiro & Companhia Loureiro & J. Companhia Brasil 1921 Companhia Br.





# “SINTO FALTA DE ABRAÇOS”: OS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA VIDA COTIDIANA DOS ALUNOS E ALUNAS DA UFPel

“I MISS HUGGING”: THE IMPACTS OF COVID-19 PANDEMIC ON UFPel STUDENTS’ DAILY LIFE

Quezia Galarca de Oliveira <sup>1</sup>

Milena da Silva Langhanz <sup>2</sup>

Lorena Almeida Gill <sup>3</sup>

---

**Resumo:** O artigo pretende analisar os impactos que a pandemia do novo coronavírus trouxe para o cotidiano dos alunos e alunas dos cursos de graduação e pós-graduação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). A metodologia empregada foi uma análise quali-quantitativa, através da construção de um questionário on-line, lançado nas redes sociais, o qual possuía 46 perguntas. O estudo, que se baseia na chamada História do tempo presente, teve 444 respondentes, vinculados a 22 unidades acadêmicas. As respostas abertas, as quais permitiam a construção de pequenas narrativas, demonstram o medo vivenciado pelos alunos e alunas que, diante de um futuro incerto, preocupavam-se especialmente com os familiares; com o fato de talvez não conseguiriam continuar com os estudos de graduação e de pós, além de terem receio sobre as condições necessárias para a permanência em Pelotas.

**Palavras-chave:** Pandemia. Medo. Discentes. UFPel. Pelotas.

**Abstract:** This paper aims to analyze the impacts that the Covid-19 Pandemic brought to undergraduate and postgraduate Federal University of Pelotas (UFPel) students’ daily life. Methodology comprised a qualitative-quantitative analysis, through an online questionnaire, which was posted on social media, and was comprised of 46 question. This study, based on the “History of the present time”, had 444 respondents, connected to 22 different academic units. The free answers, which allowed the construction of short narratives, evidenced the fear experienced by the students, who, in the face of an unknown future, were concerned especially with family members, with the possible inability to continue with their undergraduate and postgraduate studies, in addition to being afraid about the conditions necessary to stay in Pelotas.

**Key-words:** Pandemic. Fear. Students. UFPel. Pelotas.

---

## Introdução:

Em fins de 2019 fomos surpreendidos com a notícia de que um novo vírus, de alta capacidade de contágio, além de uma grande letalidade, estava infectando os moradores da cidade de Wuhan, na China. Em um mundo globalizado, sabia-se que tal fato, a princípio, restrito a uma região territorial, logo se alastraria por todo o mundo.

Apesar do aparecimento de muitas enfermidades ao longo da história da humanidade, as quais foram observadas por vários autores (LE GOFF, 1985; REVEL e PETER, 1988; DELUMEAU,

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Ciências Sociais e bolsista do PET Diversidade e Tolerância. Universidade Federal de Pelotas. [quezia.galarca@gmail.com](mailto:quezia.galarca@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Nutrição e bolsista do PET Diversidade e Tolerância. Universidade Federal de Pelotas. [milena.langhanz@gmail.com](mailto:milena.langhanz@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora Titular da UFPel. Tutora do PET Diversidade e Tolerância. [lorenaalmeidagill@gmail.com](mailto:lorenaalmeidagill@gmail.com)

1989), a presença de uma pandemia sempre surpreende a sociedade, que precisa se reorganizar para lidar com suas consequências sociais, econômicas, culturais.

O aparecimento do novo coronavírus, que ficou conhecido como COVID-19, logo lembrou uma outra calamidade ocorrida a partir do ano de 1918, chamada de gripe espanhola (BERTUCCI, 2004; SILVEIRA, 2005). As semelhanças se referiam à rapidez com que se espalhou, à falta de conhecimento sobre o desenvolvimento da doença, à paralisação da vida cotidiana, à precariedade no sistema de saúde, ao grande número de mortos, à subnotificação de casos, à suspensão de atos fúnebres, às dificuldades advindas das desigualdades sociais, dentre outros. Segundo Bassanezi (2013, p. 84) ao analisar a situação de São Paulo: os mais atingidos “em idades aptas ao trabalho, eram as que saíam mais às ruas, que enfrentavam em condições precárias uma pesada e prolongada jornada de trabalho. Tal situação tornava estas pessoas vulneráveis ao contágio e ao óbito prematuro”. Para a análise sobre a gripe espanhola em Pelotas, há uma dissertação de Mestrado em História, defendida por Ferreira no ano de 1999 e publicada em 2001 e, também, uma tese doutoral, que aborda, especialmente, a tuberculose entre 1890 e 1940, observando, ainda, outras enfermidades existentes no período, como a influenza (GILL, 2004).

Assim que houve a suspensão das aulas na Universidade, no dia 16 de março de 2020, o grupo PET Diversidade e Tolerância (PET DT) passou a reunir-se de forma remota e a criar atividades que seriam desenvolvidas nesse período. Desse modo, foi construído um projeto de pesquisa que teve como objetivo compreender quais as mudanças no cotidiano dos alunos e alunas estavam sendo mais impactantes, a partir do momento em que o calendário presencial foi suspenso e se passou a ter aulas de forma remota em encontros síncronos e assíncronos, o que fez, por exemplo, com que muitos alunos fossem embora de Pelotas e voltassem para as suas cidades natais<sup>4</sup>, como demonstra a seguinte narrativa:

[...] Desde que as aulas foram suspensas, estive por um mês sozinha em Pelotas e passei a ter crise de pânico todas as noites por estar sozinha fisicamente há tanto tempo e também pela incerteza do futuro. Após esse período, acabei voltando para minha cidade natal para cumprir minha quarentena junto a meus familiares (respondente 1)<sup>5</sup>.

A primeira fase da pesquisa, portanto, utilizada para construir a narrativa deste artigo, foi implementada entre os meses de abril e julho de 2020. Os formulários foram amplamente divulgados, através das redes sociais do PET DT, além de matérias sobre o conteúdo terem sido publicizadas na imprensa local<sup>6</sup>. Atualmente, acontece novo processo de obtenção de informações para uma segunda fase, iniciado em setembro do corrente ano, o qual permitirá uma comparação entre etapas diferentes da pandemia, além de um cotejamento com outros estudos que estão sendo realizados, como o

---

<sup>4</sup> Do total de respondentes do formulário, 57,4% declarou não ser natural de Pelotas.

<sup>5</sup> Todas as narrativas foram construídas de forma anônima e serão apresentadas por narrador 1, 2, 3 e assim por diante. É preciso dizer que, no título, a expressão “sinto falta de abraços” também constava em uma narrativa.

<sup>6</sup> O Diário Popular documentou um estudo que também está sendo desenvolvido pelo PET DT e se refere ao cotidiano de moradores da cidade de Pelotas, fazendo referência também à pesquisa sobre os alunos. Para a matéria na íntegra: <<https://www.diariopopular.com.br/geral/em-busca-de-informacoes-sobre-o-cotidiano-151266/>>. Acesso em 7 de dezembro de 2020.

intitulado Documentando a experiência da COVID-19 no RS<sup>7</sup>.

Neste estudo trabalha-se com a História do Tempo Presente (HTP), com a difícil tarefa de pensar, conforme explicita Dosse (2012, p. 5) “como o presente é construído no tempo”. Para o autor, trata-se de uma atividade complexa, tendo em vista a noção de que o historiador precisa “[...] renunciar a uma postura de domínio que era muitas vezes a sua e que o permitia acreditar que ele podia definitivamente ‘fechar’ os registros históricos” (2012, p. 11, grifos do autor). Tem-se claro, portanto, que, conforme adverte Ferreira (2018), as conclusões são provisórias, mas necessárias para se pensar o contexto. Segundo a autora (2018, p. 87), a HTP “[...] se reescreve constantemente, utilizando-se do mesmo material, mediante acréscimos, revisões e correções”.

Para Fico (2012), na HTP, sujeito e objeto desfrutam da mesma temporalidade. Ambos estão inseridos em um cotidiano próximo, compreendido, segundo a concepção de Heller (1985, p. 17-18), para quem:

A vida cotidiana é a vida do homem ‘inteiro’; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias (grifos da autora).

Trata-se, portanto, de um olhar construído no início de uma pandemia e, por esse motivo, as informações revelam percepções sobre um tempo de mudanças e incertezas, baseadas no sentimento de pessoas que vivem um contexto permeado pela angústia e pelo medo.

### **A pesquisa:**

Para a obtenção de respostas, foi construído um questionário via formulário Google, com a intenção de se obter dados quanti-qualitativos, a partir da possibilidade da escrita de pequenas narrativas. No formulário, existiam 46 perguntas relacionadas, principalmente, aos seguintes itens: dados pessoais, curso que realizava, forma de ingresso na Universidade, se recebia auxílios da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) ou, ainda, se era bolsista, como o cotidiano havia se modificado com a pandemia, dificuldades para prosseguir os estudos, expectativas com relação ao futuro. Todas as informações foram coletadas de forma anônima.

Na primeira fase do estudo, ocorrida durante os meses de abril a julho, conforme já dito, foram obtidas 444 respostas vinculadas a 366 alunos de graduação e 78 de pós-graduação<sup>8</sup>. A maioria dos respondentes estava nas unidades acadêmicas do Centro de Desenvolvimento Tecnológico-CDTEC (47) e Instituto e Ciências Humanas- ICH (45) e a graduação com maior número de respondentes foi a Engenharia da Computação. Nas pós-graduações, as unidades acadêmicas com maior número de respondentes foram do Instituto de Ciências Humanas (ICH) e do Instituto de

<sup>7</sup> O projeto Documentando a experiência da COVID-19 no RS é uma parceria entre várias universidades do RS, que, além de divulgar formulários com várias questões sobre a pandemia, realiza entrevistas na modalidade de História Oral.

<sup>8</sup> A Universidade Federal de Pelotas conta com 18,4 mil alunos, distribuídos da seguinte forma: 15.834 na graduação e 2.566 na pós-graduação. <<https://wp.ufpel.edu.br/proplan/files/2016/02/Informa%C3%A7%C3%B5es-UFPel-2015-v13.pdf>>. Acesso em 05 de dezembro de 2020.

Filosofia, Sociologia e Política (IFISP).

De toda forma, os respondentes estavam distribuídos em 22 unidades acadêmicas e tinham entre 16 e 59 anos, mas a maioria se concentrava entre os 16 e 24 anos, idades em que comumente inicia-se uma graduação.

Do total dos respondentes, 27,48% das pessoas se identificaram como homens e 71,39% como mulheres e, ainda, 1,13% preferiu não se identificar. Embora atualmente as mulheres constituam a maioria dos alunos nas universidades brasileiras, ou seja, 57,2%, conforme dados constantes na página do INEP, para 2016<sup>9</sup>, no caso da pesquisa o número de mulheres respondentes foi ainda maior.

No que diz respeito à autodeclaração racial, 74,3% se disseram brancos; 10,81% negros; 12,16% pardos; 0,90% amarelos; 0,67% indígenas e 1,16% outras. Desde o ano de 2012 a UFPel tem uma política de cotas, que hoje chega a um percentual de 50% no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) e 90% para o Programa de Acompanhamento da Vida Escolar (PAVE), mas a permanência das pessoas não se efetiva da mesma maneira, ou seja, além da questão racial, a classe social e o gênero impactam na possibilidade de conclusão de um curso universitário.

Diante deste contexto, a pesquisa procurou também buscar informações sobre as questões econômicas e sociais e os seus impactos para a permanência e conclusão do curso. Em relação à participação dos entrevistados em programas remunerados com bolsas na graduação e pós graduação, 21,17% afirmaram ter vínculo através de alguma bolsa, sendo elas oferecidas pelos Programa de Educação Tutorial (PET), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Fundação de Amparo à Pesquisa do RS (FAPERGS), além de estágios no Instituto Riograndense do Arroz (IRGA). Sobre a participação em atividades remuneradas fora da UFPel, 29,5% dos alunos declararam que exercem alguma atividade, sendo que 27,02% disseram estar trabalhando durante a pandemia, mas apenas 17,34% possuem vínculo empregatício com Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS) asseguradas, o que demonstra uma alta taxa de informalidade. Conforme dados do IBGE referentes ao período de maio a julho, a taxa de desocupação era de 13,8%, sendo o maior percentual desde o ano de 2012<sup>10</sup>.

Com relação à manutenção dos alunos, a partir de respostas abertas, confirmou-se o fato de que a maioria dos entrevistados necessitava ou da ajuda da família, do auxílio emergencial do Governo Federal, de bolsas de ensino e de extensão, ou, ainda, do trabalho informal e o formal daqueles que o possuem, como sendo as principais formas de sobrevivência durante a pandemia. Para os discentes, a questão financeira é um dos motivos do aumento de transtornos de ansiedade, pois a falta de recursos leva à incerteza sobre a possibilidade de permanência na cidade e conclusão do curso, como cita o seguinte narrador:

---

<sup>9</sup>Para maiores informações: <[http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206)>. Acesso em 1º de dezembro de 2020.

<sup>10</sup>Segundo IBGE: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29000-desemprego-chega-a-13-8-no-trimestre-encerrado-em-julho-maior-taxa-desde-2012>>. Acesso em 05 de dezembro de 2020.

Minha mãe perdeu as faxinas que ela fazia, eu fiz estágio *home office* na primeira quinzena de quarentena e depois minha chefe decidiu me dar "férias" (não remuneradas). Eu e minha mãe estamos nos sentindo a cada dia mais ansiosas e depressivas. Além disso, nas primeiras semanas de isolamento eu tive pesadelos<sup>11</sup> todas as noites e acordava sem energia, como se tivesse ficado horas tentando erguer algo pesado (respondente 2).

No decorrer do questionário, percebe-se que existe uma linha tênue que atravessa as questões sociais e econômicas e de saúde mental dos estudantes. Os sentimentos, ansioso (71%), apreensivo (60%) e confiante na ciência (56%) foram os mais citados na pesquisa. O medo, a ansiedade e as incertezas passaram a fazer parte do dia a dia e tornam os estudantes ainda mais vulneráveis socialmente (CASTEL, 1997), conforme se verifica na seguinte narrativa:

Eu estava melhorando de um quadro depressivo, porque estava fazendo novos amigos e saindo mais de casa (lazer). Com a quarentena eu não tenho mais assunto com as pessoas e não tenho vontade de falar com ninguém. Sinto que estou piorando psicologicamente (respondente 3).

Uma das perguntas que compõem o formulário abordava o apoio aos governantes, no que tange às ações construídas por eles para conter o avanço da moléstia. Constatou-se que 89% dos respondentes julgavam que as atitudes das autoridades, nas diferentes esferas, não eram as mais apropriadas. Talvez por isso 93% dos narradores enfatizaram a necessidade de não retornarem às aulas presenciais na Universidade, neste período de grande e muito rápida disseminação do vírus.

Nessa primeira etapa da pesquisa, sobre a qual se debruça o texto, somente 68% dos estudantes acreditavam que o vírus se espalharia pelo país, mesmo que as taxas de contágio estivessem aumentando com milhões de infectados pelo mundo. E, após o primeiro caso no país, os sentimentos de receio e insegurança aumentaram devido à apreensão diante da política nacional e da sensação de que o país não tinha/tem preparo o suficiente para lidar com a grandiosidade e o perigo que um vírus com essa proporção poderia oferecer à população, especialmente, aos mais vulneráveis, como cita um dos entrevistados: [...] "mais desespero ainda, principalmente por saber as condições do brasileiro e como se comportam" (respondente 4). Com o passar dos meses, 91% alegaram que era muito importante o isolamento, embora apenas 14% se dissesse totalmente isolado, o que demonstra uma contradição entre o conhecimento e a prática. Contudo, é preciso salientar que uma parcela dos estudantes trabalha, assim, muitos destes seguiram com suas rotinas laborais durante a pandemia, não permanecendo em isolamento total. Além desses estudantes-trabalhadores, os demais respondentes alegaram que faziam saídas para compras em supermercados e farmácias, da mesma forma, esse comportamento pode ter os levado a marcarem outras opções na escala de 1-5 como parcialmente isolado (correspondente ao número 4 na escala) que apresentou 24,3% das respostas.

Nesse período, ocorreu um aumento expressivo de notícias falsas, as chamadas "fake news", propaladas, muitas vezes, por quem deveria veicular as notícias mais confiáveis; nesta pesquisa, 88% dos estudantes afirmaram que as informações repassadas pela mídia influenciaram o comportamento deles. As redes sociais permitiram a propagação de notícias em massa sem a

<sup>11</sup> Há um projeto que reúne várias universidades do Brasil e que pretende analisar justamente os sonhos em tempos de pandemia. Em: <<https://www.revistaencontro.com.br/canal/revista/2020/07/conheca-a-pesquisa-sobre-sonhos-na-pandemia-realizada-pela-ufmg.html>> Acesso em 05 de dezembro de 2020.

verificação de autenticidade e veracidade da informação. Foram divulgadas muitas informações sobre possíveis curas e tratamentos que não possuíam embasamento científico, o que certamente prejudicou a consolidação de uma ideia da necessidade de seguir alguns protocolos mais rígidos, antes da chegada da vacina, como o uso de máscara, a limpeza frequente das mãos, a necessidade de que todos os espaços em que houvessem pessoas estivessem bem arejados, distanciamento social, isolamento, dentre outros.

No tópico saúde, dos respondentes, 53% afirmaram não possuir plano de saúde privado tendo que, por isso, acessar o que houvesse disponível junto ao Sistema Único de Saúde (SUS). Quanto à prática de atividade física, 1/3 dos estudantes afirmavam praticar antes da pandemia, mas que haviam parado no momento; outros 1/3 seguiam com suas atividades rotineiras e, o restante, consideravam-se sedentários.

No que diz respeito ao cotidiano da casa, quando questionados sobre a divisão de tarefas pré-estabelecidas socialmente, 40,99% dos entrevistados declararam que houve uma mudança na divisão do trabalho doméstico: os mais jovens passaram a ser responsáveis pelas saídas ao mercado e farmácia e, em cada local de moradia, essa tarefa foi destinada a uma pessoa em específico. Do total, 43,3% dos entrevistados que se declararam mulheres afirmaram que houve uma alteração na divisão das tarefas, das quais costumam ser mais realizadas exclusivamente por elas. Trata-se de uma mudança, mesmo que conjuntural, já que 36,06% dos entrevistados que se declararam homens afirmaram que se consideram mais participativos nas ocupações do dia a dia, como no preparo dos alimentos e com relação ao cuidado com os filhos, por exemplo.

Mas de todas as respostas, as que chamam mais atenção se vinculam ao medo expresso nas narrativas, tendo em vista a existência da pandemia. Delumeau (1989, p. 123) referindo-se especialmente à peste negra, mas que pode muito bem reportar ao que vivemos hoje, assim afirma:

Em período de epidemia [...] os próximos se afastam, os médicos não tocam os contagiosos, ou fazem-no o menos possível ou com uma varinha; os cirurgiões só operam com luvas; os enfermeiros depositam ao alcance do braço do doente alimento, medicamentos e pensaduras. Todos aqueles que se aproximam dos pestíferos aspergem-se com vinagre, perfumam suas roupas, em caso de necessidade usam máscaras; perto deles, evitam engolir a saliva ou respirar pela boca.

O mesmo autor relata que o tempo da doença é de uma solidão forçada, o que é enfatizado pelas narrativas dos alunos.

Sim, estou aprendendo a ficar bem estando sozinha, aprendendo que a vida é um sopro e as pessoas que amamos podem não estar mais aqui num piscar de olhos, inclusive eu mesma, por isso é importante amar HOJE! Também aprendi que muita coisa que eu considerava importante, na verdade não significa nada, são poucas as coisas que realmente importam nessa vida (respondente 5).

Segundo Minois (2019, p. 3), “a solidão não deixa ninguém neutro ou indiferente. Ela compromete toda a nossa concepção da condição humana”. Semelhante ao que evoca a seguinte narrativa:

Que o ditado ‘a vida é curta’ é muito real, então o maior aprendizado é que devemos aproveitar cada oportunidade de conhecer pessoas, lugares, de aprender novas coisas, de

ajudar alguém sempre que possível, de ficar perto e aproveitar ao máximo a companhia de cada pessoa que gostamos" (respondente 6).

O fato é que o medo de perder a própria vida, minimizada pela perda de algum ente querido, como a mãe ou o pai, bastante enfatizada nos dados textuais analisados, somada à, ainda, não se ter um projeto para um futuro próximo relacionado às atividades acadêmicas ou à um lugar para permanecer durante a pandemia, trouxe ansiedade e receio aos alunos das graduações e das pós-graduações. Para Delumeau (1989, p. 125):

Interrupção das atividades familiares, silêncio da cidade, solidão na doença, anonimato na morte, abolição dos ritos coletivos de alegria e de tristeza: todas essas rupturas brutais com os usos cotidianos eram acompanhadas de uma impossibilidade radical de conceber projetos de futuro, pertencendo a 'iniciativa', doravante, inteiramente à peste.

Uma outra questão que apareceu, a partir de uma provocação do questionário, sondava se algo, de fato, mudaria após um cenário de tantas perdas. As respostas, em sua maioria otimistas, podem ser representadas por uma das narrativas.

Acredito que sim. Tenho pensado mais sobre as pessoas com mais dificuldades financeiras, os moradores de rua, os idosos, os povos indígenas, as pessoas nos bairros pobres e favelas. A dificuldade de o povo entender seus próprios direitos e ir atrás deles, a tristeza sobre várias questões como preconceito, fome, guerras, problemas ambientais, socioeconômicos (consumo, alimentação ruim), a indignação frente a atual conjuntura política do país e o que eu posso fazer pra melhorar algumas coisas nesses aspectos. Também gratidão por ter uma casa, comida, não passar necessidades (respondente 7).

Conforme as narrativas se apresentam, os alunos entrevistados, na sua maioria, demonstram que estão tendo uma mudança pessoal e na forma de enxergar a vida. O tempo em isolamento e a interrupção das atividades têm provocado reflexões acerca do que realmente é importante. Sentimentos como valorizar mais o tempo na companhia de familiares e amigos e cuidar de quem se ama aparecem em suas escritas, as quais vão ao encontro do que diz Simmel (1967, p. 12) ao refletir sobre a vida das metrópoles em oposição à vida nas cidades pequenas, "que descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais". Trabalhar, estudar, cuidar de si mesmo, dar atenção à família e aos amigos, pagar contas e, ainda, praticar atividades de lazer são situações presentes na rotina dos alunos, os quais buscam por uma graduação, a fim de adquirirem uma colocação no mercado de trabalho e uma vida melhor.

Devido ao isolamento e à necessidade de parar abruptamente tais atividades, foi construído um novo modelo simbólico sobre o que seria importante, segundo destaca um dos entrevistados:

Acho que o mais impactante é perceber como as coisas que a gente costuma dar tanto valor na vida "normal" são extremamente frágeis. Trabalho, dinheiro, faculdade, etc. Tempo. A gente passa o dia-a-dia em uma correria infernal com prazos, coisas pra fazer, para trabalhar e ter dinheiro para comprar mais coisas. E é tudo tão insignificante, porque tem um vírus, uma coisa que a gente nem enxerga, que veio e que pode vir e abalar tudo. Tirar tudo. Acho que a coisa mais importante no meu momento antes era fazer um bom TCC para me formar. Agora, é não pegar uma doença [...] (respondente 8).

Ao término do questionário, perguntou-se sobre quais conselhos seriam dados, de forma

hipotética, para a vivência de uma situação semelhante em 2050. Os respondentes tiveram argumentos variados, mas sugeriram o isolamento desde o início, além do estabelecimento de um plano imediato voltado à construção de políticas públicas relacionadas à saúde com incentivo à ciência e à valorização imediata dos profissionais que nela atuam, sem dispensar a escolha por governantes comprometidos com o conhecimento científico.

Por fim, observou-se que o sentimento de preocupação com o outro e de um certo engajamento com relação à defesa do meio ambiente esteve presente em muitas escritas, demonstrando uma perspectiva de esperança para um futuro próximo, em que possam estar juntos e sentirem-se abraçados.

### **Considerações Finais:**

Conforme salientado, a intenção do texto é a de apresentar alguns dados referentes a um estudo realizado entre os meses de abril e julho de 2020, com alunos de graduação e de pós, da Universidade Federal de Pelotas.

A significativa participação dos estudantes nos surpreendeu já que 444 pessoas se dispuseram a responder as 46 questões, além de construírem pequenas narrativas sobre o momento que estavam vivenciando. Ainda nos meses iniciais da pandemia, a maioria dos alunos permanecia na cidade, uma vez que não se sabia, ao certo, como a Universidade procederia com relação à retomada das aulas, interrompidas no início do semestre. Tão logo, no entanto, a UFPel anunciou que as atividades aconteceriam exclusivamente de forma remota, o que ocasionou no retorno de a grande maior parte dos alunos às suas cidades de origem, a fim de permanecer com as famílias e, com isso, inclusive, diminuir gastos.

As respostas reforçam as dificuldades vivenciadas pelos alunos não só para ingressarem na Universidade, mas para permanecerem e conseguirem concluir seus cursos, especialmente daqueles que são mais vulneráveis socialmente. Em pesquisa recente<sup>12</sup>, feita também pelo PET Diversidade e Tolerância sobre a necessidade de trabalho por parte dos alunos para a suas manutenções, foi verificado que um número considerável deles atua ou no mercado formal ou no informal, realizando atividades diversas desde garçons, entregadores de lanche, fotógrafos, cuidadores, dentre outros.

Os sentimentos mais fortes correspondem à ansiedade, à apreensão e ao medo, sobretudo, por não se ter qualquer perspectiva de controle sobre o presente e o futuro. O otimismo também apareceu, uma vez que muitos dos alunos revelaram que se colocariam mais no lugar do outro e compreenderiam suas necessidades, a partir de agora. Talvez, seja algo apenas momentâneo, mas somente o tempo nos dirá se o mundo sairá mais solidário desta calamidade.

De qualquer maneira, como a pandemia está em desenvolvimento e como uma segunda

---

<sup>12</sup> A pesquisa aborda a trajetória de estudantes trabalhadores da UFPel e foi protagonizada pela bolsista Milena da Silva Langhanz. Um artigo foi publicado na revista *Dialogia* sobre a temática e teve como título: Desafios dos estudantes trabalhadores da UFPel (2019-2020). <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/18188> Acesso em 14 de janeiro de 2020.



fase do estudo está sendo realizada, as respostas são provisórias e servem apenas para dar conta de um momento específico da COVID-19, ou seja, o seu início, que trouxe, especialmente, receio e medo a todos e todas, ainda que aqui se trate, restritamente, do sentimento dos alunos e das alunas da UFPel.

### Referências Bibliográficas:

Bassanezi, Maria. Uma trágica primavera. A epidemia de gripe de 1918 no estado de São Paulo, Brasil. In: Baeninger, Rosana & Dedecca, Claudio (Orgs.), *Processos migratórios no estado de São Paulo: estudos temáticos*. Campinas, SP: Nepo/Unicamp, 2013.

BERTUCCI, Liane. *Influenza, a medicina enferma*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

CASTEL, Robert. A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à “desfiliação”. *CADERNO CRH*, Salvador, n. 26/27, p. 19-40, jan./dez. 1997. Disponível em: <[www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=1012&article](http://www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=1012&article)>. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800*. Uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. *Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 4, n. 1, jan/jun. 2012, p. 5-22. Disponível em > <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005/2014>>. Acesso em 5 de dezembro de 2020.

FERREIRA, Renata. *Epidemia e drama: a gripe espanhola em Pelotas*. Rio Grande: Editora da FURG, 2001.

FERREIRA, Marieta. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. *Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, jan./mar. 2018. <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/issue/view/2175180310232018> Acesso em 15 de janeiro de 2021.

FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. *Varia História*, Belo Horizonte, vol. 28, nº 47, p.43-59, jan/jun 2012, p. 43-59.

LANGHANZ, Milena e GILL, Lorena. Desafios dos estudantes trabalhadores da UFPel (2019-2020). *Dialogia*, São Paulo, n. 36, p. 581-594, setembro-dezembro de 2020. <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/18188>. Acesso em 14 de janeiro de 2020.

GILL, Lorena. Um Mal de Século: Tuberculose, Tuberculosos e Políticas de Saúde em Pelotas, 1890-1930. *Tese* (Doutorado em História), PUCRS, 2004. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/ndh/files/2017/04/Um-Mal-do-S%C3%A9culo.pdf>>. Acesso em 05 de dezembro de 2020.

GOFF, Jacques (Org). *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 1985.

MINOIS, Georges. *História da Solidão e dos Solitários*. São Paulo: Editora da UNESP, 2019.

REVEL, Jacques e PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre Nora (org). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1988.

SILVEIRA, Anny. A medicina e a influenza espanhola de 1918. *Tempo*, volume 10, n. 19, Niterói. Julho/Dezembro, 2005. [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042005000200007](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042005000200007) Acesso em 6 de dezembro de 2020.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.